

DF. Polícia

Tiroteio entre Polícia Civil e PM na Asa Sul

CORREIO BRAZILIENSE

11 MAR 1999

Soldados à paisana suspeitaram de agentes que estavam num Santana na 509. Ao tentar abordá-los, foram recebidos à bala

Luís Cláudio Cicci
Da equipe da **Correio**

Um sargento sem farda ferido na perna esquerda e oito carros, um trailer, paredes e vidraças com marcas de tiros. Uma trapalhada entre policiais civis e militares espalhou 21 marcas de balas pelo estacionamento e lojas da 509 Sul. O engano do pessoal da Segurança Pública, que por sorte não acabou em morte, virou inquérito policial na 1ª Delegacia de Polícia (Asa Sul).

Ainda não eram 15h30 quando o tiroteio começou na W2 Sul. Durante pouco mais de três minutos, a explosão dos cartuchos de pistolas e revólveres tumultuou a pacata rua da quadra comercial. Tudo porque policiais militares à paisana suspeitaram de agentes da Divisão de Operações Especiais (DOE), que estavam num Santana preto perto de uma agência bancária.

Correria, confusão e desespero para fugir do que os comerciantes e seus clientes pensavam ser uma tentativa de roubo ao BRB, que fica nos arredores. Um dos investigadores que estava no carro reagiu à

abordagem baleando o 2º sargento da Polícia Militar, Domingos Alves de Aguiar, que na hora não estava vestindo uniforme. O único ferido na troca de balas foi socorrido no Hospital de Base (HDBF) e precisou ser operado.

“Nossos homens estavam sem farda porque faziam um levantamento para prepararmos um plano para policiamento preventivo”, justifica o

major Celso Daier Gomes, assessor de imprensa da PM. Depois de a primeira bala zunir, os colegas quiseram ajudar uns aos outros na defesa contra o inimigo. Quando o erro foi percebido, os en-

volvidos, com a arma para o alto, gritou para tentar interromper a troca de tiros entre policiais.

Foi quando as seis pessoas que fugiram do tiroteio saíram do banheiro de um verdurão localizado na 509 Sul. O pequeno cômodo, próprio para servir a um adulto sozinho, foi o único abrigo que sobrou na loja que dá frente para a W2. “Pensei que fossem os moleques da SQS 309 estourando bombinha”, lembrou o comerciante Luciano Araújo, de 22 anos. “Quando vi um cara agachado,

atirando, corri para os fundos gritando para todo mundo fugir.”

O carro suspeito justificou um pedido de ajuda pelo rádio. Logo depois do tiroteio, a rua estava cercada e cheia de soldados e oficiais. “Tinha uns vinte fardados e uns oito sem uniforme”, contou uma testemunha que preferiu ficar no anonimato. Na tentativa de justificar a troca de tiros, três homens foram detidos e levados para 1ª DP como suspeitos de tentarem roubar a agência bancária. “Se estava planejada uma ação criminosa, ela foi abortada pela reação da polícia”, dizia o comandante do 1º Batalhão de Polícia Militar, major Juan José Lopes.

Quase tão rápidos quanto seus colegas fardados, os agentes da DOE também compareceram ao local. Em três carros chegaram nove investigadores e o diretor da divisão, Manuel Ferraz. E todos começaram a visitar as lojas e verificar os carros para avaliar as consequências da ação das polícias do Distrito Federal. “Vai se verificar quem fez os disparos porque se foi agente de Estado, é ele quem vai ter que assumir”, previu Ferraz.

O dono de um Gol verde, com duas balas na mão, agradecia a sorte de não estar no caminho do tiro que furou o banco do motorista do seu carro. “Infelizmente o que houve foi uma troca de tiros entre policiais civis e militares”, explicou o delegado da 1ª DP, Antônio Cavalheiro. “Ocorreu um desencontro de competência entre as duas polícias e vamos apurar.” Antes das 18h, os três homens detidos indevidamente pelos policiais militares estavam soltos. Nada foi provado contra eles.

“SE ESTAVA PLANEJADA
UMA AÇÃO CRIMINOSA,
ELA FOI ABORTADA PELA
REAÇÃO DA POLÍCIA”

Major Juan José Lopes,
comandante do 1º Batalhão da PM